

23 MILHÕES DE EXEMPLARES EM TODO O MUNDO

A RAPARIGA NO COMBOIO

PAULA HAWKINS

«Um livro assim, capaz de viciar, escrito em crescendo
e carregadinho de surpresas e desmentidos,
só acontece raramente.»

Diário de Notícias



«A *Rapariga no Comboio* foi o fenómeno literário de 2015.»

Diário de Notícias

«Um thriller negro alimentado por um pecadilho cometido por todos os que andam nos transportes públicos: o voyeurismo pelas vidas alheias.»

Visão

«A *Rapariga no Comboio* faz a junção perfeita entre *film noir* e narração enganadora... segure-se bem. Ficará surpreendido com os terrores que espreitam ao virar da esquina.»

USA Today

«Um romance de estreia psicologicamente astuto...

As narrativas repletas de surpresa precipitam-se em direção a um clímax impressionante, tão terrível e fascinante como um desastre de comboio.»

Publishers Weekly

«Com um ritmo perfeito desde o seu início apelativo e envolvente à reviravolta do final; não é um livro fácil de pousar... O que faz de *A Rapariga no Comboio* um livro tão apaixonante é o entendimento admirável que Paula Hawkins tem dos limites do conhecimento humano e de até onde a memória e a imaginação podem confundir-se.»

NPR

«Um thriller muito bem escrito e construído de forma engenhosa.»

The Washington Post

«É o tipo de livro que só aparece de anos a anos.»

BookPage

«A *Rapariga no Comboio* é um thriller psicológico pungente, complexo e absolutamente arrepiante... é um daqueles livros em que mal podemos esperar por virar a página — e no entanto é-nos quase insuportável fazê-lo. Esplêndido e assombroso.»

New York Daily News

«O thriller de Paula Hawkins é uma viagem chocante.»

US Weekly

«Os fãs de Gillian Flynn vão devorar este thriller psicológico.»

People

DO LIVRO AO CINEMA

Neste texto exclusivo, Paula Hawkins aborda a experiência de ver *A Rapariga no Comboio* tornar-se um filme.

Penso que a maioria dos escritores sonha com a possibilidade de ver o seu trabalho adaptado ao cinema — mas poucos contam verdadeiramente ver as suas personagens no grande ecrã, sobretudo se passaram menos de dois anos desde a publicação do livro. Tem sido um processo bastante extraordinário: os direitos foram adquiridos pela Dreamworks seis meses antes de os livros chegarem às livrarias e as filmagens arrancaram cerca de dez meses após a publicação.

Por diversas razões, não estive envolvida na escrita da adaptação. Primeiro, tendo em conta que nunca escrevi para cinema, calculo que seja algo bem diferente de escrever ficção em prosa. Segundo, acredito que adaptar o nosso próprio trabalho — do qual se está incrivelmente próximo — tem os seus próprios problemas. Terceiro, achei que não teria disponibilidade: escrever o segundo livro enquanto promovo *A Rapariga no Comboio* é um trabalho a tempo inteiro.

Assim sendo, decidi ceder o controlo criativo ao estúdio e aos produtores e desde logo me convenci de que fora a melhor opção: destacaram Tate Taylor, que fizera um excelente trabalho a adaptar e realizar o romance *As Serviçais*, para ser o realizador do filme e Erin Cressida Wilson, dramaturga e argumentista, para escrever o argumento. Conheci Tate no verão antes de se iniciarem as filmagens e falou-me da sua visão do filme: desde logo senti que estávamos alinhados; ele queria mesmo manter o ambiente sombrio no coração do livro, a sua claustrofobia e a subjacente sensação de ameaça.

Assim que Tate e Erin aceitaram embarcar no projeto, a grande questão era definir quem iria interpretar o papel de Rachel. Antes

mesmo de ter visitado o local de filmagens e de a ter visto em ação, achei que Emily Blunt seria uma excelente escolha, e depois de a ver a vestir a pele de Rachel fiquei completamente convencida de que seria a pessoa ideal para interpretar o papel. E os atores secundários são espantosos: Rebecca Ferguson como Anna, Haley Bennet como Megan, Luke Evans como Scott, Justin Theroux como Tom, Edgar Ramírez como Kamal Abdic, Laura Prepon como Cathy e Allison Janney como sargento-detetive Rilet.

Ainda não vi quaisquer sequências do filme, mas vislumbrei as três principais personagens femininas quando estive nos estúdios. É difícil descrever a sensação de ver em carne e osso personagens que criámos, de um lado para o outro a proferir as palavras que escrevemos. Achei eletrizante — senti os pelos eriçados na nuca — e por vezes genuinamente surpreendente. Um ator pode somar a uma situação que se descreve algo que nem sequer se percebeu que lá estava.

© Paula Hawkins Ltd, 2015

Para a Kate

Ela está enterrada à sombra de uma bétula, ali junto aos velhos carris do comboio, com uma lápide a assinalar o túmulo. Não passa de um montículo de pedras, aliás. Eu não queria atrair atenções para a sua última morada, mas também não a poderia deixar sem lembrança. Há de descansar em paz ali, sem que alguém a venha perturbar, sem outra companhia além do canto dos pássaros e do troar dos comboios a passarem.

Uma traz-nos dores; duas, alegrias; três, uma menina*. Três, uma menina. E eu fico bloqueada no três, não consigo simplesmente passar daí. Tenho a cabeça cheia de ruídos, a boca empastada pelo sangue. Três, uma menina. Oiço as pegas a rirem-se, a fazerem troça de mim, com aqueles seus grasnidos roucos. Um presságio. Um mau presságio. Consigo vê-las agora, o preto recortado contra o sol. Não são as aves, é outra coisa qualquer. Vem aí alguém. Alguém está a falar comigo. «Vê lá. Vê lá o que me obrigaste a fazer.»

* «*One for sorrow, two for joy, three for a girl.*» Primeiros versos de uma canção e lengalenga infantil inglesa com centenas de anos, segundo a qual o número de pegas que avistamos determina a nossa sorte, prosseguindo a tradição ancestral de leitura de presságios através dos pássaros. [N. T.]

RACHEL

Sexta-feira, 5 de julho de 2013

Manhã

HÁ UM MONTE DE ROUPAS ao lado dos carris do comboio. Um trapo azul-claro — uma camisa, talvez — misturado entre outros brancos encardidos. Provavelmente não passa de lixo, atiraram-no para aqui daquele pequeno bosque ao cimo da ribanceira. Ou podem-no ter deixado os homens que costumam andar a arranjar este troço da linha. Ou pode ser outra coisa qualquer. A minha mãe costumava dizer-me que eu tinha uma imaginação demasiado fértil; já o Tom dizia o mesmo. A culpa não é minha: basta-me ver uns farrapos largados, uma camisa suja ou um sapato abandonado e desato a pensar no outro sapato e nos pés que os terão calçado.

O comboio sacode-se e chia e volta a arrancar, com o pequeno monte de roupas a desaparecer de vista, à medida que rolamos de novo a caminho de Londres em marcha lenta. Alguém atrás de mim solta um suspiro de desespero irritado; o comboio regional das 8ho4 consegue dar cabo da paciência até mesmo do passageiro mais cordial. A viagem deveria levar 54 minutos, mas raramente cumpre o horário: esta parte da linha está velha e decrépita, cheia de falhas de sinalização e obras intermináveis.

O comboio arrasta-se em frente; estremece por entre os armazéns e os reservatórios de água, pontes e barracões, passando por casas vitorianas modestas com as traseiras voltadas para a linha.

Com a cabeça encostada à janela, fico a ver as casas a passarem por mim como num plano de um filme. Vejo-as como os outros não são capazes de as ver; provavelmente nem sequer os donos alguma vez as terão visto da minha perspetiva. Duas vezes ao dia, é-me oferecido um vislumbre das vidas dos outros, só por um instante. Há algo reconfortante em ver estranhos em segurança nas suas casas.

Ouve-se o telemóvel de alguém a tocar, uma música incongruentemente alegre e animada. Demoram algum tempo a atender, e ela continua a soar e a cantarolar à minha volta. Consigo sentir os meus companheiros de viagem a remexerem-se nos bancos, a folhearem os jornais, a baterem nas teclas dos seus portáteis. O comboio dá uma guinada e inclina-se na curva, abrandando ao aproximar-se de um sinal vermelho. Tento não olhar para cima, tento ler apenas o jornal gratuito que me deram à entrada da estação, mas as palavras esborratam-se à frente dos meus olhos, não há nada que me prenda a atenção. Ainda consigo ver aquele pequeno monte de roupas na minha cabeça, atirado à beira da linha, completamente ao abandono.

Final da tarde

O gin tónico de lata faz um barulho efervescente quando o aproximo da boca para dar um gole. Amargo e frio, o sabor das minhas primeiras férias com o Tom, naquela aldeia de pescadores na costa Basca, em 2005. De manhã nadávamos 800 metros até à pequena ilha no meio da baía, onde fazíamos amor nas praias desertas mais escondidas; de tarde sentávamo-nos na esplanada a beber gins tónicos gelados muito fortes, enquanto víamos os bandos de futebolistas de praia a disputarem jogos caóticos de 25 para 25 na areia molhada da maré baixa.

Tomo outro gole, e mais outro; a lata já está meio vazia, mas é indiferente, tenho outras três no saco de plástico aos meus pés. É sexta-feira, por isso não tenho de me sentir culpada por estar a beber no comboio. Graças a Deus é sexta-feira. É quando a coisa se torna divertida.

Vai ser um belo fim de semana, é o que dizem. Um sol magnífico, o céu azul. Nos bons velhos tempos, íamos de carro até Corly Wood com um cesto de piquenique e os jornais, passávamos a tarde deitados num cobertor a aproveitar os raios de sol que atravessavam por entre as folhas das árvores, bebíamos vinho. Ou podíamos fazer um churrasco no quintal com os amigos, ou ir até ao The Rose e sentar-nos na esplanada a beber cerveja, com as caras rosadas do sol e do álcool, ao fim da tarde, antes de irmos para casa já tontos, de braço dado, para adormecermos os dois no sofá.

Um sol magnífico, o céu azul, mas ninguém com quem os partilhar, nada que fazer. É mais difícil viver assim no verão, da maneira como eu tenho vivido, quando os dias são tão longos, há tanta luz, tão pouca ajuda da noite, com toda a gente na rua a ser tão óbvia e agressivamente feliz. É esgotante, e faz-nos sentir ainda pior, por não nos podermos juntar à festa.

Tenho todo o fim de semana pela frente, 48 horas vazias para matar. Levo a lata uma vez mais à boca, mas não sobra uma única gota.

Segunda-feira, 8 de julho de 2013

Manhã

É tão bom estar de volta ao comboio das 8ho4. Não estou propriamente desejosa de chegar a Londres para mais uma semana — não me apetece por aí além estar em Londres, aliás. Só quero recostar-me neste banco de veludo coçado, a sentir o calor do sol que entra pela janela, a sentir a carruagem a abanar para um lado e para o outro e para trás e para a frente, a cadência reconfortante das rodas nos carris. Prefiro muito mais estar aqui, a olhar para as casas junto à linha, do que em quase todos os lugares do mundo.

Há um sinal avariado na linha, algures a meio da viagem. Presumo que esteja avariado, pelo menos, porque está praticamente sempre vermelho; temos de ficar ali parados na maioria das vezes, às vezes só uns segundos, outras vezes minutos a fio. Se eu me sentar na

carruagem D, como faço normalmente, e se o comboio parar no sinal, como acontece quase sempre, tenho uma perspetiva perfeita para a minha casa preferida junto à linha: o n.º 15.

O n.º 15 é muito parecido com o resto das casas ao longo deste troço da linha: uma vivenda vitoriana geminada, de dois pisos, com vista para o pequeno e bem-cuidado jardim das traseiras, 6 metros de terreno delimitados por uma cerca e depois mais uns metros de terra de ninguém à beira da linha do comboio. Conheço esta casa de cor e salteado. Conheço cada tijolo, a cor das cortinas no quarto do primeiro andar (beges, com um estampado azul-escuro), e sei que a tinta dos caixilhos da janela da casa de banho está descascada e que faltam quatro telhas no telhado do lado direito da casa.

Sei que, nas noites mais quentes de verão, os moradores da casa, o Jason e a Jess, costumam saltar a janela de guilhotina para se sentarem no terraço improvisado por cima do alpendre da cozinha. Fazem um casal perfeito e luminoso. Ele tem o cabelo preto e um belo corpo, é forte, protetor e bondoso. Tem uma gargalhada magnífica. Ela é uma daquelas mulheres pequeninas, uma boneca com a pele branquíssima e o cabelo louro bastante curto. Tem uma estrutura óssea que lhe permite esse género de corte, com as maçãs do rosto salientes salpicadas de sardas e um queixo bem desenhado.

Procuro-os enquanto estamos parados no sinal vermelho. Principalmente no verão, a Jess costuma estar lá fora de manhã, a beber café. Às vezes, quando a vejo ali, sinto que ela também me vê, sinto que ela também me observa e apetece-me acenar-lhe. Mas sou demasiado acanhada. Não costumo ver tanto o Jason, anda muitas vezes fora em trabalho. Porém, mesmo quando eles não estão lá, penso no que andarão a fazer. Talvez hoje de manhã tenham tirado um dia de folga, e ela esteja deitada na cama enquanto ele faz o pequeno-almoço, ou talvez tenham ido correr os dois juntos, porque é o género de coisa que eles fazem. (Dantes, o Tom e eu íamos correr os dois ao domingo, eu um pouco mais depressa do que a minha passada normal, o Tom a abrandar o seu ritmo, só para podermos correr lado a lado.) Talvez a Jess esteja lá em cima no quarto de hóspedes a pintar, ou talvez tenham ido tomar banho juntos, as mãos dela contra os azulejos, as mãos dele a apertarem-lhe as ancas.

Final da tarde

Virando-me um pouco para a janela, de costas para o resto da carruagem, abro uma das pequenas garrafas de *Chenin Blanc* que comprei na Whistletop da estação de Euston. O vinho não está frio, mas vai ter de servir. Despejo dois dedos num copo de plástico, volto a atarraxar a tampa e enfio a garrafa na mala. Não é tão aceitável beber no comboio à segunda-feira, a não ser que tenhamos companhia, que não tenho.

Há sempre caras conhecidas nestes comboios, gente que eu vejo todas as semanas, a irem e a virem de cá para lá. Reconheço-os como provavelmente me reconhecem a mim. Só não sei se me veem mesmo, no entanto, tal como eu sou.

Está uma tarde magnífica, quente, mas não demasiado, com o sol a começar a descer preguiçosamente, as sombras alongando-se cada vez mais, a luz tingindo de ouro as folhas das árvores. O comboio chocalha acelerado, passando a correr pela casa do Jason e da Jess, quase indistinta à luz do final da tarde. Às vezes, raramente, consigo vê-los também deste lado da linha. Se não houver qualquer comboio a vir no outro sentido, e se formos suficientemente devagar, consigo ainda apanhar um vislumbre deles lá fora no terraço. Caso contrário — como hoje —, posso sempre imaginá-los. A Jess há de estar sentada com os pés estendidos em cima da mesa no terraço, um copo de vinho na mão, o Jason atrás dela, de pé, com as mãos nos ombros da mulher. Consigo imaginar o toque das mãos dele, a sua leve pressão, revigorante e protetora. Às vezes dou por mim a tentar lembrar-me da última vez que tive alguma espécie de contacto físico relevante com outra pessoa, nem que tenha sido um abraço ou um aperto de mão caloroso, e sinto o coração estremecer-me.

*Terça-feira, 9 de julho de 2013**Manhã*

O monte de roupa da semana passada ainda ali está, e parece mais sujo e mais abandonado do que há uns dias. Li algures que um comboio,

quando nos atropela, é capaz de nos arrancar a roupa do corpo. Não é assim tão invulgar, ser atropelado por um comboio. Duas a três centenas de mortes por ano, é o que dizem, portanto pelo menos uma dia sim, dia não. Não sei quantas serão acidentais. Olho com atenção, enquanto o comboio passa lentamente, à procura de sangue nas roupas, mas não vejo nada.

O comboio para no semáforo, como de costume. Consigo ver a Jess de pé no pátio à frente das portas duplas. Tem um vestido rosa-choque e os pés descalços. Está a olhar por cima do ombro, para dentro de casa; deve estar a falar com o Jason, que deve estar a fazer o pequeno-almoço. Fico de olhos presos na Jess, na casa dela, enquanto o comboio vai arrancando. Não quero ver as outras casas; não quero sobretudo ver a casa quatro portas abaixo, aquela que dantes era a minha.

Morei no n.º 23 de Blenheim Road durante cinco anos, anos de uma felicidade absoluta e de uma miséria completa. Agora não consigo olhar para lá. Aquela foi a minha primeira casa. Não a casa dos meus pais, nem um apartamento partilhado com colegas: foi a *minha* primeira casa. Simplesmente não consigo olhar para lá. Ou consigo, e até olho, e quero olhar, mas não quero, pelo menos tento não olhar. Todos os dias digo a mim própria para não olhar, e todos os dias olho para lá. Não consigo evitar, ainda que não haja lá nada que eu queira ver, ainda que tudo o que eu vir só poderá deixar-me magoada. Ainda que me lembre perfeitamente do que senti naquela vez em que olhei para cima e reparei que as persianas beges do quarto do primeiro andar tinham desaparecido, substituídas por umas cortinas quaisquer cor-de-rosa-claras; ainda que ainda me lembre da dor que senti ao ver a Anna a regar as roseiras junto à cerca, com a t-shirt esticada por cima da sua grande barriga, e de ter mordido o lábio até fazer sangue.

Fecho os olhos com força e conto até dez, quinze, vinte. Pronto, agora já desapareceu, nada há para ver. Entramos na estação de Witney e voltamos a sair, com o comboio a acelerar a marcha à medida que os subúrbios se diluem na suja e pardacenta região norte de Londres, as casas geminadas substituídas por pontes cheias de *graffiti* e edifícios vazios com as janelas partidas. Quanto mais nos aproximamos

de Euston, mais ansiosa me sinto; a tensão aumenta; como será o dia de hoje? Há um prédio asqueroso de betão do lado direito da linha, uns 500 metros antes de entrarmos em Euston. Alguém desenhou na parede uma seta a apontar para a estação junto às palavras FIM DE VIAGEM. Penso na trouxa de roupas junto à linha e sinto a garganta apertada.

Final da tarde

O comboio da tarde, o das 17h56, é um pouco mais lento do que o da manhã: a viagem leva uma hora e um minuto, sete minutos a mais, apesar de parar nas mesmas estações. Pouco me importa, porque não tenho grande pressa de voltar a Ashbury, tal como não tenho grande pressa de chegar a Londres de manhã. Não só por ser Ashbury, embora o sítio seja suficientemente mau, uma cidade-dormitório dos anos 60 que se espalhou como um tumor no coração de Buckinghamshire. Não é melhor nem pior do que todas as outras cidades iguais a essa, o centro cheio de cafés e lojas de telemóveis e sucursais da JD Sports, cercado por uma faixa de subúrbios, seguida pelo grande cinema multiplex com hipermercado da Tesco. Vivo num quarteirão finório (mais ou menos) e novinho em folha (assim-assim), que fica no sítio onde o coração comercial da cidade se começa a fundir nos arrabaldes residenciais, mas não é essa a minha casa. A minha casa é a vivenda geminada vitoriana junto ao caminho de ferro, aquela de que eu era dona a meias. Em Ashbury não sou dona da casa, nem sequer inquilina: sou uma mera ocupante, instalada no pequeno quarto de hóspedes do duplex desenxabido e inofensivo da Cathy, vítima do seu favor e da sua misericórdia.

Eu e a Cathy éramos amigas na universidade. Meias-amigas, aliás: nunca fomos assim tão chegadas. Ela vivia no quarto em frente ao meu no primeiro ano, e andávamos no mesmo curso, por isso fomos aliadas naturais naquelas primeiras semanas assustadoras antes de conhecermos pessoas com quem tivéssemos mais em comum. Não nos vimos muito uma à outra após aquele primeiro ano e quase nunca depois do curso, tirando algum casamento esporádico. Porém,

na minha hora de aperto, ela tinha por acaso um quarto livre a arrendar, e fazia sentido que eu ficasse com ele. Tinha a certeza de que seria só por um ou dois meses, no máximo seis, e não sabia o que fazer. Nunca tinha vivido sozinha, tinha passado da casa dos meus pais para o apartamento com os colegas e depois com o Tom; achei a ideia irresistível, por isso aceitei. Entretanto passaram-se quase dois anos.

Não é *horrível*. A Cathy é uma pessoa simpática, de uma maneira algo forçada. Faz-nos sempre reparar que está a ser simpática. É uma simpatia agressiva, é aquilo que a distingue de toda a gente, e ela sente que tem de ser reconhecida por isso, muitas vezes, quase diariamente, o que se pode tornar cansativo. Contudo não é assim tão mau, consigo lembrar-me de defeitos piores numa companheira de casa. Não, não é a Cathy, não é sequer Ashbury que me incomoda mais na minha nova condição (ainda a considero nova, apesar de se terem passado dois anos). É ter perdido o controlo. No apartamento da Cathy, não consigo deixar de me sentir uma convidada à mercê dos limites da sua hospitalidade. É o que sinto na cozinha, quando disputamos o espaço para fazer o jantar. É o que sinto quando me sento ao lado dela no sofá, o comando ao alcance ostensivo das mãos dela. O único lugar que me sabe a meu é o pequeno quartinho onde enfiámos uma cama de casal e uma secretária, tão acanhado, que quase não dá para passar. É suficientemente confortável, mas não é um sítio onde nos apeteça *estar*, de maneira que eu me vou deixando ficar na sala ou sentada à mesa da cozinha, pouco à vontade e de braços cruzados. Perdi o controlo sobre tudo, até sobre os lugares dentro da minha cabeça.

Quarta-feira, 10 de julho de 2013

Manhã

O calor está a aumentar. Ainda pouco passa das 8 e meia e o dia já está abafado, o ar saturado de humidade. Eu bem podia pedir uma tempestade, mas o céu está insolentemente limpo e azul. Enxugo o suor do rosto. Quem me dera ter comprado uma garrafa de água.

Não consigo ver o Jason e a Jess hoje de manhã, e sinto uma tremenda desilusão. É idiota, eu sei. Perscruto a casa, mas não há nada para ver. As cortinas estão abertas cá em baixo, mas as portas duplas estão fechadas, com o sol a refletir-se nos vidros. A janela de guilhotina do primeiro andar também está fechada. Pode ser que o Jason esteja fora em trabalho. Ele é médico, acho eu, provavelmente numa daquelas organizações internacionais. Está constantemente de prevenção, com a mala feita no cimo do roupeiro; basta haver um terramoto no Irão ou um *tsunami* na Ásia para largar tudo, agarrar na mala e se meter no aeroporto de Heathrow em menos de nada, pronto para apanhar o avião e ir salvar vidas.

A Jess, com os seus vestidos garridos e os ténis *Converse* e toda a sua beleza, a sua atitude, trabalha na indústria da moda. Ou talvez esteja ligada à música ou à publicidade: pode ser estilista ou fotógrafa. É uma excelente pintora, também, com uma veia artística. Estou mesmo a vê-la, no quarto de hóspedes lá em cima, com a música aos berros, a janela aberta, um pincel na mão, uma tela enorme encostada à parede. Há de lá ficar até à meia-noite; o Jason sabe perfeitamente que não a pode incomodar quando ela está concentrada.

É claro que não a estou a ver. Não sei se ela pinta mesmo, ou se o Jason tem uma bela gargalhada, ou se a Jess tem as maçãs do rosto bonitas. Não lhe consigo ver bem a cara daqui, nem nunca sequer ouvi a voz do Jason. Nunca os vi de perto, eles não moravam na casa quando eu vivia na rua. Mudaram-se depois de eu me ter ido embora há dois anos, não sei bem quando. Acho que comecei a reparar neles há cerca de um ano, e pouco a pouco, à medida que os meses foram passando, eles acabaram por se tornar importantes.

Também não sei como se chamam, por isso tive de lhes dar nomes. Jason, porque ele é bonito ao estilo de uma estrela de cinema inglesa, não como um Depp ou um Pitt, mas sim como um Firth ou um Jason Isaacs. E Jess, só porque condizia com Jason, e o nome assenta-lhe bem. É bonito e despreocupado como ela. Fazem um bom par, aqueles dois. São felizes, dá para ver. São tal como eu era antigamente, o Tom e eu, há cinco anos. São aquilo que eu perdi, tudo o que eu sempre quis ser.

Final da tarde

Tenho a camisa desagradavelmente apertada, os botões espremidos contra o peito, com manchas de suor pegajoso debaixo dos braços. Doem-me os olhos e a garganta. Esta tarde não quero que a viagem se arraste; só me apetece chegar a casa, despir-me e enfiar-me no duche, onde ninguém pode olhar para mim.

Olho para o homem sentado no lugar à minha frente. Deve ter a minha idade, 30 e poucos anos, com o cabelo preto, já um pouco grisalho de lado. Um ar macilento. Trazia um fato vestido, mas tirou o casaco e poisou-o no banco ao seu lado. Tem um *MacBook* finíssimo aberto à frente dele. É lento a escrever. Tem um relógio prateado com um mostrador enorme no pulso direito: parece caro, talvez seja um *Breitling*. Vai roendo o interior das bochechas. Talvez esteja nervoso. Ou só a pensar profundamente. A escrever um e-mail importante para um colega no escritório de Nova Iorque, ou a medir bem as palavras para acabar com a namorada. Levanta a cabeça de repente e surpreende-me o olhar; fita-me de cima a baixo, assim como à pequena garrafa de vinho na mesa à minha frente. Desvia os olhos. Há qualquer coisa na expressão da boca dele que sugere desagrado. Acha que eu sou desagradável.

É verdade que não sou a rapariga que era dantes. Já não sou apetecível, tornei-me até de certa forma repelente. Não se trata apenas do peso que ganhei, ou de ter a cara inchada de toda a bebida e falta de sono; é como se as pessoas conseguissem ver à primeira vista que caí em desgraça: ler-ma na cara, na forma de me sentar, na maneira de eu andar.

Há umas noites, na semana passada, quando saí do quarto para ir buscar um copo de água, ouvi a Cathy a falar com o Damien, o namorado dela, na sala. Fiquei no corredor à escuta.

— Ela anda muito sozinha — estava a dizer a Cathy. — Estou preocupada com ela. Não ajuda nada, estar assim sempre sozinha. Não conheces ninguém no trabalho ou na equipa de rãguebi? — acrescentou.

O Damien perguntou:

— Que possa estar interessado na Rachel? Desculpa lá, Cath, mas acho que não conheço ninguém assim tão desesperado.

Quinta-feira, 11 de julho de 2013

Manhã

Estou a desfazer o penso no meu dedo. Faz comichão, molhei-o quando estava a lavar a minha chávena de café hoje de manhã; parece peganhento e sujo, mas estava bem limpo quando acordei. Não quero tirá-lo, porque tenho um golpe profundo. A Cathy não estava em casa quando eu cheguei, por isso fui até à loja de bebidas e comprei duas garrafas de vinho. Bebi a primeira e depois pensei que poderia aproveitar, já que estava sozinha, para fazer um bife com cebola caramelizada, com uma salada de alface a acompanhar. Uma refeição saborosa e saudável. Cortei a ponta do dedo a fatiar as cebolas. Devo ter ido à casa de banho limpá-lo, e depois deitei-me só um bocado e esqueci-me completamente do jantar, porque acordei por volta das 10 e ouvi a Cathy a falar com o Damien, a dizer que era inacreditável que eu tivesse sido capaz de deixar aquela confusão. Ela subiu as escadas para ver como eu estava, bateu suavemente à minha porta e abriu-a ligeiramente. Pôs a cabeça de lado e perguntou se estava tudo bem. Eu pedi desculpa, sem ter bem a certeza do quê. Ela disse que não fazia mal, mas perguntou se eu me importaria de ir arrumar as coisas. Havia sangue na tábua de cortar, a cozinha cheirava a carne crua, o bife ainda estava em cima da bancada, com um aspeto cinzento. O Damien nem sequer me cumprimentou, limitou-se a abanar a cabeça quando me viu, e subiu as escadas para ir ter com a Cathy ao quarto.

Depois de se terem ido deitar, lembrei-me de que não tinha bebido a segunda garrafa e então abri-a. Sentei-me no sofá e fiquei a ver televisão com o som muito baixo, para eles não ouvirem. Não me consigo lembrar do que vi, mas a certa altura devo ter-me sentido sozinha, ou animada, ou outra coisa qualquer, porque me apeteceu falar com alguém. A necessidade de contacto deve ter sido irresistível, e não havia ninguém a quem eu pudesse ligar além do Tom.

Não há ninguém com quem eu queira falar além do Tom. O registo de chamadas do telemóvel diz que eu lhe liguei quatro vezes: às 23h02, às 23h12, às 23h54 e às 00h09. A julgar pela duração das chamadas, ter-lhe-ei deixado duas mensagens. Até pode ter atendido, mas

não me lembro de falar com ele. Lembro-me de deixar a primeira mensagem; acho que só lhe pedi para me ligar de volta. Talvez tenha sido isso o que eu disse nas duas mensagens, o que não é assim tão mau.

O comboio abranda até parar no sinal vermelho, e eu olho para cima. A Jess está sentada no pátio, a beber um café. Tem os pés estendidos em cima da mesa e a cabeça deitada para trás, está a apanhar banhos de sol. Atrás dela, acho que consigo ver um vulto, alguém a mexer-se: o Jason. Anseio por conseguir vê-lo, ter um vislumbre da sua cara bonita. Quero que ele venha cá para fora, que fique atrás dela, como costuma fazer, que lhe dê um beijo na testa.

Ele não sai, e a Jess endireita a cabeça. Há qualquer coisa na maneira como ela se mexe hoje que parece diferente; está mais lenta, mais pesarosa. Desejo que ele saia cá para fora, mas o comboio dá um safanão e arrasta-se para a frente, e ainda não há sinal dele; ela está sozinha. Agora, sem pensar, dou por mim a olhar a direito para a minha casa e não consigo afastar os olhos. As portas duplas estão abertas de par em par, a luz a banhar a cozinha. Não sei, a sério que não sei, se estou a ver mesmo isto ou a imaginar: estará ela ali mesmo, no lava-loiças, a arrumar as coisas? Há mesmo uma bebé deitada numa daquelas espreguiçadeiras em cima da mesa da cozinha?

Fecho os olhos e deixo a escuridão crescer e espalhar-se, até se transformar de uma espécie de tristeza em algo bastante pior: uma recordação, um regresso ao passado. Eu não lhe pedi apenas que me ligasse de volta. Agora consigo lembrar-me: eu estava a chorar. Disse-lhe que ainda o amava, que o iria amar sempre. *Por favor, Tom, por favor. Tenho de falar contigo. Tenho saudades tuas.* Não não não não não não não.

Tenho de a aceitar, não vale a pena tentar ignorar esta sensação. Vou sentir-me péssima durante todo o dia. Há de chegar em ondas — mais forte e depois mais fraca e depois mais forte outra vez —, aquele nó na barriga, a angústia da vergonha, o rubor a subir-me às faces, os olhos muito apertados como se assim pudesse apagar o que fiz. E hei de dizer a mim própria, durante todo o dia, que já houve coisas piores, não é? Já fiz coisas piores: não é como se tivesse tropeçado em público ou gritado a um estranho na rua. Não é como se tivesse humilhado o meu marido num churrasco de verão, ao gritar que ele me batia em frente à mulher de um dos amigos dele. Não é como se tivéssemos

discutido uma noite em casa, e eu o tivesse atacado com um taco de golfe, abrindo um buraco na parede do corredor à porta do quarto. Não é como se tivesse voltado para o trabalho a cambalear após um almoço de três horas, com toda a gente a olhar para mim, e o Martin Miles a puxar-me para um canto: *Acho que se calhar devias ir para casa mais cedo, Rachel*. Uma vez li um livro de uma ex-alcoólica em que ela contava que tinha feito sexo oral a dois homens, que tinha acabado de conhecer num restaurante, numa rua no centro de Londres. Lembro-me de ler aquilo e pensar: não estou assim *tão* mal. Há limites para tudo.

Final da tarde

Passei o dia todo a pensar na Jess, sem conseguir concentrar-me fosse no que fosse além do que tinha visto hoje de manhã. O que me terá feito pensar que se passava algo de errado? Eu não lhe podia ver a expressão do rosto àquela distância, mas senti, quando olhei para ela, que estava sozinha. Mais do que sozinha: abandonada. Provavelmente estaria: provavelmente ele teria ido para fora, para um daqueles países tropicais aonde costuma ir e salvar vidas. Ela sente a sua falta e fica preocupada, apesar de saber que ele tem de ir.

É claro que sente a falta dele, tal como eu. Ele é meigo e forte, tudo o que um marido deve ser. E eles são amigos. Dá para ver, eu sei que são. A força dele, a proteção que irradia não querem dizer que ela seja fraca. Ela é forte de outras maneiras; dá saltos lógicos que o deixam de boca aberta de espanto. É capaz de ir ao cerne de um problema, dissecá-lo e analisá-lo no tempo que outra pessoa levaria a dar o bômbom-dia. Ele costuma dar-lhe a mão nas festas, apesar de estarem casados há anos. Respeitam-se um ao outro, não se tentam rebaixar.

Esta tarde sinto-me estoirada. Estou sóbria, até demasiado. Às vezes sinto-me tão mal, que me vejo obrigada a beber; às vezes sinto-me tão mal, que não sou capaz de o fazer. Hoje, só pensar em álcool, já me dá a volta ao estômago. No entanto, estar sóbria no comboio da tarde é um verdadeiro desafio, principalmente agora, com este calor. Tenho uma película de suor a cobrir cada centímetro quadrado da minha pele, o interior da boca seco, os olhos a arderem, com o rímel a enfiar-se lá dentro.

O telemóvel toca dentro da mala, e eu dou um salto no banco. Duas miúdas do outro lado da carruagem olham para mim e depois uma para a outra, trocando um sorriso cúmplice. Não sei o que pensam de mim, mas não pode ser coisa boa. Tenho o coração aos pulos ao levar a mão ao telemóvel. Sei que também não há de ser coisa boa: deve ser a Cathy, é possível, a perguntar-me do alto da sua simpatia se não me importo de não me enfrascar hoje à tarde. Ou a minha mãe, a dizer que vai estar em Londres na próxima semana, que há de passar pelo escritório, que talvez possamos ir almoçar. Olho para o ecrã. É o Tom. Hesito só por um segundo e depois atendo.

— Rachel?

Nos primeiros cinco anos que o conheci, nunca fui Rachel, mas Rach. Às vezes Shelley, porque ele sabia que eu odiava e porque lhe dava vontade de rir que eu ficasse irritada e depois soltasse uma risadinha, porque não era capaz de não me derreter com as gargalhadas dele.

— Sou eu, Rachel. — Tem a voz pesada, parece cansado. — Ouve, tens de acabar com isto, está bem? — Eu não digo nada. O comboio abrande e estamos quase em frente à casa, a minha antiga casa. Ape-tece-me dizer-lhe: *Anda cá fora, vem ter ao relvado do jardim. Deixa-me ver-te.* — Por favor, Rachel, não podes passar a vida a ligar-me. Tens de te endireitar de uma vez por todas. — Sinto um nó na garganta, apertado e sufocante. Não consigo engolir. Não sou capaz de falar. — Rachel? Estás aí? Eu sei que as coisas não têm andado bem contigo, e tenho muita pena, a sério que tenho, mas... não te posso ajudar, e estas chamadas de madrugada estão a incomodar a Anna. Está bem? Não te posso ajudar mais. Fala com os alcoólicos anónimos ou qualquer coisa do género. Por favor, Rachel. Vai a uma reunião dos alcoólicos anónimos após o trabalho, hoje.

Arranco o penso imundo da ponta do dedo e olho para a pele esbranquiçada e enrugada por baixo, com o sangue seco empastado no canto da unha. Enfio o polegar direito no meio do corte e sinto-o a abrir, a dor lancinante e aguda. Sustenho a respiração. O sangue começa a escorrer da ferida. As raparigas do outro lado da carruagem observam-me, inexpressivas.

MEGAN

Um ano antes

Quarta-feira, 16 de maio de 2012

Manhã

CONSIGO OUVIR O COMBOIO a aproximar-se; conheço aquela cadência de cor. Acelera ao sair da estação de Northcote e então, após um ruído metálico ao fazer a curva, começa a abrandar, do estrépito a um simples rumor, às vezes a um chiar dos travões ao parar no sinal, a uns 200 metros de casa. O meu café está frio em cima da mesa, mas estou demasiado confortável e tenho demasiada preguiça para me levantar e fazer outra chávena.

Às vezes nem sequer vejo os comboios a passarem, limito-me a ouvi-los. Sentada aqui de manhã, com os olhos fechados e o calor do sol dourado nas pálpebras, é como se estivesse em qualquer outro lado. Poderia estar no Sul de Espanha, na praia; ou poderia estar em Itália, em Cinque Terre, com todas aquelas casinhas coloridas e os comboios a levarem os turistas para cá e para lá. Poderia estar em Holkham, com as gaivotas a gritarem-me aos ouvidos e o sabor a sal na língua e um comboio fantasma a passar na linha enferrujada, a 800 metros de distância.

O comboio não vai parar hoje, limita-se a rolar lentamente. Consigo ouvir as rodas a matraquearem nos carris e quase me sinto embalada pelos solavancos. Não consigo ver as caras dos passageiros; sei

que são simples moradores suburbanos a caminho de Euston para se sentarem atrás das suas secretárias, mas posso sempre sonhar: com viagens mais exóticas, aventuras intermináveis que se prolongam para lá do fim da linha. Estou sempre a voltar a Holkham dentro da minha cabeça; é estranho ainda pensar nisso, em manhãs como esta, com tanto carinho, tanta saudade, mas ainda penso. O vento a soprar na relva, o céu negro a perder de vista sobre as dunas, a casa infestada de ratos e a cair aos bocados, cheia de velas e de pó e de música. É como um sonho que não me larga.

Sinto o meu coração a bater descompassado.

Consigo ouvir o som dos passos dele nas escadas, antes de chamar por mim.

— Queres outro café, Megs?

O feitiço quebrou-se, agora acordei.

Final da tarde

Tenho frio por causa do vento e calor por causa dos dois dedos de vodca no meu *Martini*. Estou cá fora no terraço, à espera de que o Scott chegue a casa. Vou convencê-lo a levar-me a jantar naquele restaurante italiano de Kingly Road. Caramba, há séculos que não saímos.

Hoje não fiz grande coisa. Deveria ter preparado tudo para me candidatar ao curso de tecidos em Saint Martins; até comecei a fazê-lo, estava a trabalhar lá em baixo na cozinha quando ouvi uma mulher a gritar, uma algazarra horrível, e pensei que estivessem a matar alguém. Corri lá para fora até ao jardim, mas não consegui ver coisa alguma.

Ainda conseguia ouvi-la, no entanto; era horroroso, enfiava-se-me nos ouvidos, a voz dela estridente e desesperada.

— O que é que estás a fazer? O que é que estás a fazer com ela? Dá-ma cá, dá-ma cá imediatamente.

Parecia que nunca mais acabava, se bem que provavelmente só terá durado uns segundos.

Corri até ao primeiro andar e saí para o terraço e consegui ver, por entre as árvores, duas mulheres junto à cerca, uns jardins mais acima.

Uma delas estava a gritar — talvez estivessem as duas —, e havia uma criança aos berros, também.

Pensei se deveria chamar a polícia, mas então as coisas pareceram acalmar-se. A mulher que gritara fugiu para dentro de casa, levando com ela o bebé. A outra ficou lá fora. Correu até à casa, tropeçou e endireitou-se e depois pôs-se a andar às voltas pelo jardim. Foi mesmo estranho. Só Deus sabe o que se estaria ali a passar. Ainda assim, foi a coisa mais entusiasmante que me aconteceu nas últimas semanas.

Os dias parecem-me vazios, agora que já não tenho a galeria para onde ir. Sinto mesmo a falta dela. Tenho saudades de falar com os artistas. Até tenho saudades daquelas dondocas desagradáveis de 20 ou 30 anos que costumavam aparecer, de copo do Starbucks na mão, para olharem feitas parvas para os quadros, a dizerem às amigas que as filhinhas faziam desenhos melhores na creche.

Às vezes apetece-me ver se consigo encontrar algum dos meus velhos amigos, mas depois penso: do que iria falar com eles agora? Eles não iriam sequer reconhecer a Megan suburbana com o seu casamento feliz. No entanto também não posso correr o risco de olhar para trás, isso nunca é boa ideia. Vou esperar que o verão acabe, e depois logo procuro trabalho. Seria uma pena desperdiçar estes dias magníficos. Hei de encontrar alguma coisa aqui ou noutro lado qualquer, tenho a certeza de que sim.

Terça-feira, 14 de agosto de 2012

Manhã

Dou por mim de pé à frente do roupeiro, a olhar pela centésima vez para os meus belos vestidos, o guarda-roupa ideal para a diretora de uma pequena, embora sofisticada, galeria de arte. Não há aqui nada que diga «ama-seca». Céus, a simples palavra dá-me vómitos. Visto umas calças de ganga e uma t-shirt, penteio o cabelo para trás. Nem sequer me dou ao trabalho de pôr maquilhagem. Não vale a pena, pois não, enfeitar-me para passar o dia todo com um bebé?

Deço as escadas irritada, como que a pedir uma discussão. O Scott está a fazer café na cozinha. Vira-se para mim com um sorriso, e fico imediatamente de bom humor. Tento transformar as minhas trombas num sorriso. Ele dá-me uma chávena de café e um beijo.

A ideia foi minha, é inútil querer culpá-lo por isto. Fui eu que me ofereci para cuidar da criança dos vizinhos. Na altura, pensei que poderia ser divertido. Devia estar doida varrida. Aborrecida, maluca, curiosa. Queria ver como era. Acho que tive a ideia depois de a ouvir a gritar no jardim, e quis saber o que se passava. É claro que não perguntei. Não se pergunta estas coisas, pois não?

Foi o Scott quem me incentivou: ficou radiante quando eu falei no assunto. Acha que, se eu passar algum tempo com bebés, vou ficar ansiosa por ter um. Na verdade, está a ter o efeito contrário: venho a correr para aqui mal saio da casa deles, ansiosa por tirar as roupas e me enfiar no duche e me livrar daquele cheiro a bebé.

Sinto tanto a falta dos meus dias na galeria, enfeitada, com o cabelo arranjado, a conversar com adultos sobre artes plásticas ou cinema ou nada. Falar sobre nada seria bastante melhor do que as minhas conversas com a Anna. É tão estúpida! Dá a ideia de que ela em tempos já foi capaz de ter uma conversa decente, mas agora gira tudo à volta do bebé. Estará com frio? Estará com calor? Terá mamado que chegue? E está *sempre* por ali, o que me faz sentir acessória durante todo o tempo. É suposto que eu vigie a criança enquanto a Anna estiver a descansar, para ela ter tempo para si. Descansar do quê, ao certo? Ela é assustadoramente nervosa, também. Estou sempre a vê-la a pairar à minha volta, a estremecer por tudo e por nada. Assusta-se de cada vez que passa um comboio ou sempre que o telefone toca. «Eles são tão frágeis, não são?», pergunta, e eu não posso dizer que discordo.

Saio de casa e percorro cansada os 50 metros ao longo de Blenheim Road até à casa deles. O mais devagar que consigo. Hoje não é ela quem me abre a porta, mas sim o marido. O Tom, de fato e gravata, pronto para o trabalho. Ele fica bonito de fato: não como o Scott, é mais baixo e mais pálido, e tem os olhos demasiado próximos, se o observarmos de perto, mas não é mau de todo. Mostra-me o seu grande sorriso à Tom Cruise e sai porta fora, e fico só eu e ela e o bebé.

Quinta-feira, 16 de agosto de 2012

Tarde

Despedi-me!

Sinto-me tão melhor, como se tudo fosse possível agora. Estou livre!

Estou sentada no terraço, à espera da chuva. O céu está cinzento por cima de mim, com as andorinhas a mergulharem e a fazerem piruetas, o ar carregado de humidade. O Scott há de chegar a casa daqui a uma hora, e eu vou ter de lhe contar. Só ficará chateado comigo um ou dois minutos, hei de resolver as coisas. E não me limitei a ficar sentada durante o dia inteiro de braços cruzados: estive a fazer planos. Vou inscrever-me num curso de fotografia, ou abrir uma lojinha no mercado, ou vender joias. Posso aprender a cozinhar.

Tive um professor que me disse uma vez que eu era especialista em reinventar-me. Não percebi o que ele disse na altura, pensei que estivesse só a galar-me, mas depois habituei-me a gostar da ideia. Fugitiva, amante, esposa, empregada de mesa, diretora de uma galeria, ama-seca e o que mais houve pelo meio. Então, quem é que eu quero ser amanhã?

Na verdade eu não queria despedir-me, as palavras saíram-me simplesmente da boca. Estávamos ali sentados, à volta da mesa da cozinha, a Anna com o bebé ao colo, e o Tom tinha voltado para buscar uma coisa, por isso também lá estava, a beber um café, e aquilo pareceu-me absurdo, não fazia sentido algum que eu estivesse ali. Ainda pior, senti-me constrangida, como se fosse uma intrusa.

— Arranjei outro trabalho — deixei escapar, sem pensar bem no assunto. — De maneira que não vou poder ajudar-vos por muito mais tempo.

A Anna lançou-me um olhar; acho que não acreditou em mim. Disse apenas:

— Oh!, que pena — e eu percebi que ela não estava a falar a sério. Parecia aliviada. Nem sequer me perguntou qual era o trabalho; ainda bem, porque eu não tinha pensado em nenhuma boa mentira.

O Tom pareceu ligeiramente surpreendido.

— Vamos sentir a tua falta — disse ele, mas também estava a mentir.

A única pessoa que vai ficar verdadeiramente desapontada é o Scott, por isso tenho de pensar bem no que lhe vou dizer. Posso sempre explicar que o Tom se andava a atirar a mim. Isso há de resolver a questão.

Quinta-feira, 20 de setembro de 2012

Manhã

Ainda mal passa das 7, o tempo está fresco cá fora, mas fica tudo tão bonito assim, os jardins ao lado uns dos outros, verdes e frios e à espera de que os raios de sol se ergam por cima dos carris e lhes deem vida. Estou acordada há horas; não consigo dormir. Já não durmo há dias. Odeio isto, odeio as insónias mais do que tudo, ficar ali deitada, com a cabeça às voltas, tique, taque, tique, taque. Sinto comichão no corpo inteiro. Apetece-me rapar o cabelo.

Só me apetece fugir. Quero ir numa viagem de carro, de descapotável, com o cabelo ao vento. Conduzir até à costa: qualquer uma serve. Andar na praia. Eu e o meu irmão mais velho iríamos viajar de carro pelo mundo. Tínhamos tantos planos, eu e o Ben. Enfim, eram sobretudo os planos do Ben: ele sempre foi um sonhador. Iríamos andar de mota de Paris até à Côte d'Azur ou descer pela costa do Pacífico, de Seattle a Los Angeles; iríamos seguir o mesmo caminho que o Che Guevara de Buenos Aires a Caracas. Talvez se eu tivesse feito tudo isso, não teria acabado aqui, sem saber o que fazer a seguir. Ou, mesmo que eu tivesse feito tudo isso e acabasse exatamente no mesmo sítio, pelo menos estaria contente e feliz. Porém acabei por não fazer nada disso, é claro, porque o Ben nunca fez a tal viagem a Paris, nem nunca sequer passou para lá de Cambridge. Morreu na A10, com o crânio esmagado pelas rodas de um semirreboque.

Tenho saudades dele todos os dias. Mais do que de qualquer outra pessoa, acho eu. Ele é o grande vazio da minha vida, mesmo no meio da minha alma. Ou talvez isso tenha sido só o início. Não sei. Nem

sequer sei se tudo isto é mesmo por causa do Ben ou se é por causa de tudo o que se passou a seguir, tudo o que veio depois. Só sei que num instante está tudo a correr bem, e a vida é bela, e nada me falta, e logo a seguir só me apetece fugir, completamente desnorteada, e sinto-me a afundar, em derrapagem.

Por isso, vou consultar um psicoterapeuta! O que pode ser esquisito, mas também pode ser divertido. Sempre pensei que deve ser engraçado ser católico, poder ir ao confessionário e desabafar com alguém que nos perdoe tudo, que nos lave os pecados todos, para começarmos de fresco.

Não é bem a mesma coisa, eu sei. Estou só um pouco nervosa, porque não tenho dormido nada ultimamente e porque o Scott tem andado a chatear-me para ir. Expliquei-lhe que já era suficientemente difícil abordar essas coisas com alguém que conheço — quase não consigo falar com ele sobre o assunto. Ele disse que era essa a ideia, que eu poderia dizer absolutamente tudo a um estranho. No entanto isso não é completamente verdade. Não podemos dizer *absolutamente tudo* a seja quem for. Coitado do Scott. Ele não sabe da missa a metade. Adora-me tanto, que até dói. Não sei como é que consegue. Eu enlouqueceria comigo mesma.

Ainda assim tenho de fazer alguma coisa, e pelo menos isto já é um primeiro passo. Todos aqueles meus planos — cursos de fotografia e aulas de culinária —, se formos a ver bem, parecem um bocado inúteis, como se eu estivesse a brincar à vida real em vez de a viver realmente. Tenho de encontrar alguma coisa que precise mesmo de fazer, algo inelutável. Não consigo fazer isto, não consigo ser simplesmente uma esposa. Não percebo como é que alguém é capaz: não há literalmente nada a fazer além de esperar. Ficar à espera de que um homem volte para casa e nos ame. Ou isso, ou andar às voltas à procura de outra distração.

Final da tarde

Deixaram-me à espera. Já passaram 30 minutos da hora marcada para a consulta, e ainda aqui estou, sentada na receção, a folhear a *Vogue*

e a pensar que mais vale levantar-me e ir-me embora. Eu sei que as consultas nos médicos se atrasam, mas no psicoterapeuta? Sempre fiquei com a impressão pelos filmes de que nos põem na rua assim que os nossos 50 minutos acabam. Porém presumo que os psicoterapeutas de Hollywood não sejam bem como aqueles para onde o SNS nos manda.

Estou prestes a ir dizer à rececionista que já esperei bastante e que me vou embora, quando a porta do gabinete do médico se abre e sai lá de dentro um homem muito alto e esgaldado, a pedir-me desculpas enquanto estende a mão.

— Desculpe tê-la feito esperar, Sra. Hipwell — diz-me, e eu limito-me a sorrir e a dizer-lhe que não faz mal e sinto instantaneamente que tudo vai correr bem, porque só estou com ele há um minuto ou dois e já me sinto mais calma.

Acho que deve ser da voz. Baixa e afável. Tem um ligeiro sotaque, o que seria de esperar, com o nome de Dr. Kamal Abdic. Calculo que tenha uns 35 anos, apesar de parecer ainda mais novo, por causa daquela tez cor de mel incrível. Tem umas mãos bonitas que imagino a percorrerem-me o corpo, dedos compridos e delicados, quase consigo senti-los.

Não falamos sobre nada de muito importante; é só a primeira sessão, as apresentações, para nos ficarmos a conhecer. Ele pergunta-me qual é o problema, e eu conto-lhe dos ataques de pânico, das insónias, de passar as noites acordada, cheia de medo de adormecer. Ele quer que eu explique melhor o que sinto, mas ainda não estou pronta. Pergunta-me se consumo drogas ou se bebo álcool. Respondo que arranjei outra espécie de divertimento, e julgo pelo olhar dele que percebeu do que estava a falar. Depois penso que deveria levar isto mais a sério, e então conto-lhe que a galeria fechou, que na maioria das vezes me sinto um caso desesperado, a minha falta de rumo na vida, o facto de passar demasiado tempo imersa nos meus pensamentos. Ele não conversa muito, a menos que seja para encaminhar o diálogo; mas eu quero ouvi-lo falar, por isso enquanto saio aproveito para lhe perguntar de onde é.

— Maidstone — diz ele. — No Kent. Mas mudei-me há uns anos para Corly. — Ele sabe que não foi isso que eu perguntei; lança-me um sorriso lúbrico.

O Scott está à minha espera quando chego a casa e enfia-me uma bebida na mão, quer saber tudo. Respondo que foi mais ou menos. Ele pergunta-me sobre o psicoterapeuta: gostei dele, era simpático? Mais ou menos, respondo outra vez, porque não quero parecer demasiado entusiasmada. Pergunta-me se falámos sobre o Ben. O Scott pensa que tudo gira à volta do Ben. Pode ser que tenha razão. Pode ser que me conheça melhor do que eu penso.

Terça-feira, 25 de setembro de 2012

Manhã

Acordei bem cedo hoje de manhã, mas até consegui dormir algumas horas: sempre é melhor do que na semana passada. Sentia-me quase revigorada quando me levantei da cama, por isso, em vez de me sentar no terraço, resolvi sair para uma caminhada.

Tenho andado a fechar-me sobre mim própria, quase sem dar por isso. Os únicos sítios aonde parece que vou nos tempos que correm são meia dúzia de lojas, as minhas aulas de pilates e o psicoterapeuta. De vez em quando a casa da Tara. Durante o resto do tempo, fico em casa. Não admira que me sinta inquieta.

Saio de casa, viro à direita e depois à esquerda para Kingly Road. Passo à frente do *pub*, o The Rose. Dantes passávamos lá a vida; já não sei por que razão deixámos de ir. Nunca gostei por aí além do sítio, estavam lá sempre demasiados casais de quarentões a beber excessivamente e a olhar à volta à procura de um partido melhor, pensando se teriam coragem. Talvez tenha sido por isso que deixámos de lá ir, porque eu não gostava. Afasto-me do *pub* e das lojas. Não quero ir muito longe, é só um pequeno passeio, para esticar as pernas.

É bom passear bem cedo, antes de as escolas abrirem, antes do frenesim do trânsito; as ruas estão vazias e limpas, o dia aberto a todas as possibilidades. Viro à esquerda outra vez e caminho até ao pequeno parque infantil, a única reles imitação de espaço verde que temos no bairro. Agora está vazio, mas daqui a umas horas há de ser tomado

por crianças aos berros, mãezinhas e amas. Metade das minhas colegas do pilates vêm cá, com os seus fatos de treino caríssimos, a mostrar a tonificação do corpo, exibindo os dedos de unhas pintadas à volta dos seus copos do Starbucks.

Atravesso o parque e desço até Roseberry Avenue. Iria ter à minha galeria se virasse aqui — aquilo que foi a minha galeria, agora uma montra de loja vazia —, mas não quero, porque ainda me dói um pouco. Esforcei-me tanto para fazer dela um sucesso. Acho que estava no sítio errado na altura errada: quem é que quer saber de artes plásticas nos subúrbios com esta crise? Em vez disso, viro à direita, passando pelo Tesco Express, pelo outro *pub*, aquele aonde vão as pessoas do condomínio privado, e pelo outro lado até casa. Agora sinto um formigueiro na barriga, estou a ficar nervosa. Tenho medo de dar de caras com os Watsons, porque é sempre um pouco embaraçoso quando os encontro; é demasiado óbvio que não arranjei nenhum trabalho, que só menti, porque não queria continuar a ajudá-los.

Aliás, é embaraçoso encontrá-la. O Tom limita-se a ignorar-me. No entanto a Anna parece ter levado as coisas a peito. É evidente que pensa que a minha curta carreira como ama chegou ao fim por culpa dela ou da sua criança. Na verdade, a culpa não foi da *sua criança*, por muito difícil que fosse gostar dela assim, sempre a choramingar. É muito mais complicado do que isso, mas é claro que não lho posso explicar. Imagino que essa seja uma das razões pelas quais me tenho fechado em casa: porque não quero ver os Watsons. Há uma parte de mim que tem a secreta esperança de que eles se mudem. Eu sei que ela não gosta de cá morar: odeia aquela casa, odeia viver entre as coisas que foram da mulher dele, odeia os comboios.

Paro à esquina e espreito para a passagem subterrânea. Aquele cheiro a frio e a humidade provoca-me sempre um calafrio na espinha, como se estivesse a virar uma pedra para ver o que se esconde por baixo: musgo e minhocas e terra. Lembra-me de quando brincava no jardim em criança, à procura de rãs no charco com o Ben. Sigo em frente. A rua está vazia — nenhum sinal do Tom nem da Anna —, e aquela parte de mim que não resiste a um pouco de melodrama sente-se bastante desapontada.

Final da tarde

O Scott acabou de me ligar a dizer que tem de ficar a trabalhar até tarde, o que não era propriamente o que eu estava à espera de ouvir. Estou um bocado nervosa, passei o dia assim. Não consigo ficar quieta. Precisava que ele viesse para casa e me acalmasse, e agora ele vai demorar horas a chegar, e o meu cérebro vai andar acelerado às voltas e às voltas, e já sei que me espera mais uma noite sem dormir.

Não posso simplesmente ficar aqui, a ver os comboios, estou demasiado agitada, o coração a bater-me no peito como um pássaro a tentar fugir da gaiola. Enfio os chinelos e desço as escadas, saindo pela porta. São 7 e meia: estão os últimos retardatários a voltar para casa do trabalho. Não se vê ninguém na rua, apesar de se ouvir os gritos das crianças a brincarem nos jardins das traseiras, a aproveitarem os últimos raios de sol, antes de as chamarem para jantar.

Desço a rua até à estação. Paro um instante à porta do n.º 23 e penso em tocar à campainha. O que diria eu? Que fiquei sem açúcar? Que só me apeteceu conversar? Eles têm as persianas entreabertas, mas não consigo ver ninguém lá dentro.

Continuo a andar até à esquina e, sem pensar verdadeiramente no que estou a fazer, sigo em frente pela passagem subterrânea. Vou a meio do túnel quando o comboio passa por cima de mim, e é uma sensação magnífica: como se fosse um terramoto, podemos senti-lo mesmo no meio do corpo, a sacudir-nos o sangue. Olho para baixo e reparo que há qualquer coisa no chão, um elástico de cabelo, roxo, um pouco largo, bastante usado. Perdido por alguém a correr, provavelmente, mas há algo nele que me faz sentir um arrepio, e só quero sair dali depressa, para a luz do sol.

A caminho da rua, ele passa por mim no seu carro, os nossos olhos cruzam-se um instante, e ele sorri para mim.

O LIVRO QUE VAI MUDAR PARA SEMPRE O MODO COMO VEMOS A VIDA DOS OUTROS

TODOS OS DIAS, RACHEL APANHA O COMBOIO...

No caminho para o trabalho, ela observa sempre as mesmas casas durante a sua viagem.

Numa das casas ela observa sempre o mesmo casal, ao qual ela atribui nomes e vidas imaginárias. Aos olhos de Rachel, o casal tem uma vida perfeita, quase igual à que ela perdeu recentemente.

ATÉ QUE UM DIA...

Rachel assiste a algo errado com o casal... É uma imagem rápida, mas suficiente para a deixar perturbada.

Não querendo guardar segredo do que viu, Rachel fala com a polícia. A partir daqui, ela torna-se parte integrante de uma sucessão vertiginosa de acontecimentos, afetando as vidas de todos os envolvidos.

**UM THRILLER ABSORVENTE, PERTURBADOR E ARREPIANTE,
DE LEITURA COMPULSIVA.**

«*A Rapariga no Comboio* é o mais envolvente romance com um narrador inconfiável desde *Em Parte Incerta*. Este livro vai deixar os seus leitores arrepiados.»

New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-501-4



9 789895 965014